

OBJETO TR(A)NSICIONAL: UMA RELEITURA LACANIANA*

Suely Aires (UFRB)†

suely.aires@uol.com.br

Resumo: O presente artigo pretende acompanhar o percurso de construção da noção de objeto *a* em relação à *démarche* lacaniana, bem como situar os elementos de aproximação com o objeto transicional winnicottiano. Para tanto, parte da definição de objeto tal como proposta por Freud – (1) como correlativo da pulsão; (2) como correlativo do amor e (3) em relação ao sujeito – e indica a opção lacaniana em enfatizar a dimensão da linguagem, em uma releitura que incide sobre a teoria e técnica freudianas como um todo. Nesse contexto, Winnicott surge como um autor que, ao propor a noção de objeto transicional, permite a Lacan apresentar a distinção entre os registros imaginário, simbólico e real em relação aos conceitos de desejo, demanda e necessidade, ao mesmo tempo em que possibilita a construção de um conceito próprio de objeto. Cabe considerar que, em suas formulações, Lacan faz duras críticas aos pós-freudianos por produzirem um desvio da técnica e da doutrina de Freud ao desconsiderar a fala do sujeito, favorecendo uma prática de interpretação das resistências. Winnicott é, então, saudado como um autor diferenciado, um psicanalista pós-freudiano que não se afasta dos preceitos freudianos, e que toma a clínica como seu principal suporte. As relações teóricas entre Lacan e Winnicott, de aproximação e afastamento, nos permitem, no corpo deste artigo, problematizar a vinculação entre as noções de objeto *a* e objeto transicional.

Palavras-chave: objeto, Lacan, Winnicott, filosofia, psicanálise

Em 1969 Lacan afirma textualmente ter formulado o conceito de objeto *a* a partir da noção de objeto transicional de

* Artigo recebido em 4.6.2008 e aprovado para publicação em 23.10.2009.

† Suely Aires é Professora na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Santo Antônio de Jesus, Bahia, Brasil.

Winnicott. Além de certa surpresa, essa afirmação gera interpretações diversas e, por vezes, contraditórias. Buscando situar-se no campo de leituras possíveis, o presente artigo pretende algo relativamente simples: acompanhar o percurso de construção da noção de objeto *a* em relação à própria *démarche* lacaniana e situar os elementos de aproximação com o objeto transicional winnicottiano. Nessa trajetória, o que constatamos é a repetição de um dado estilo – já conhecido dos leitores de Lacan – de transposição do conceito winnicottiano para o campo e os referenciais teóricos nos quais o psicanalista francês desenvolve suas idéias.

BREVE HISTÓRICO

Se nos detivermos nos primeiros seminários de Lacan, perceberemos que sua discussão sobre o conceito de objeto absorveu a teorização freudiana e a contrapôs às produções pós-freudianas, as quais enfatizavam as *relações* de objeto. A esse debate, Lacan acrescentou um elemento necessário a sua argumentação: a linguagem, a qual foi incluída mediante uma teoria do significante que terá papel fundamental na re-interpretação dada ao jogo do *Fort-Da*. Como sabemos, a proposta lacaniana de renovar a psicanálise por meio de um recurso à linguagem – claramente enunciada no *Discurso de Roma*¹ (LACAN, [1953] 1998)² – incluiu não apenas a discussão da concepção de objeto, mas a consideração sobre todo e qualquer conceito que ocupe lugar central na teoria freudiana. É sob essa perspectiva que o objeto, tal como formulado por Freud, será revisitado.

Se, no argumento freudiano, o objeto apresenta-se sob três aspectos principais – (1) como correlativo da pulsão, (2) como correlativo do amor, e (3) em relação ao sujeito –, para Lacan, o destaque será dado ao objeto perdido e ao jogo de repetição, o qual havia sido trabalhado por Freud em *Além do Princípio do Prazer* (FREUD, [1920] 2006). Nesse artigo, Freud relata o jogo de uma criança de um ano e meio de idade que lança repetidamente um carretel e acompanha o movimento desse objeto com sons.

A criança não era de modo algum precoce em seu desenvolvimento intelectual. Com um ano e meio falava apenas algumas palavras compreensíveis e dispunha só de alguns sons significativos que eram entendidos por aqueles à sua volta. Tinha, no entanto, uma boa relação com os pais e com uma única empregada da casa; além disso, era elogiada pelo seu ‘bom’ caráter. Não perturbava os pais à noite, obedecia conscienciosamente às proibições de tocar em certos objetos e de entrar em determinados cômodos da casa. Porém, o mais importante é que nunca chorava quando a mãe a deixava por horas, apesar de estar ternamente ligada a essa mãe, que não apenas a amamentou, como também dela cuidou e a criou sem qualquer ajuda alheia. Essa boa criança passou a apresentar agora o hábito, às vezes incômodo, de atirar todos os objetos pequenos que conseguisse pegar para bem longe de si [...]. Ao mesmo tempo, com uma expressão de interesse e satisfação, emitia um sonoro e prolongado ‘o-o-o-o’, que, segundo o julgamento da mãe e do observador, não era uma interjeição, mas significava ‘fort’. Finalmente me dei conta de que isso era uma brincadeira [...]. [a criança] atirava o carretel amarrado no cordão com grande destreza para o alto, de modo que caísse por cima da beirada de seu berço cortinado, onde o objeto desaparecia de sua visão, ao mesmo tempo que pronunciava seu ‘o-o-o-o’ significativo; depois, puxava o carretel pelo cordão de novo para fora da cama e saudava agora seu aparecimento com uma alegre ‘da’. Esta era, então, a brincadeira completa: desaparecimento e retorno (FREUD, [1920] 2006, p. 141).

Essa descrição, infinitamente explorada em diversas argumentações psicanalíticas, será interpretada por Lacan de

modo a dar ênfase aos fonemas ‘o’ e ‘da’ Para esse autor, encontra-se nesses primeiros jogos da criança um fenômeno de linguagem que consiste em evocar a presença na ausência por meio da nomeação, “que é, ao mesmo tempo, destruição da coisa e passagem da coisa ao plano simbólico, graças ao que o registro propriamente humano se instala” (LACAN, [1953-1954] 1983, p. 250). A repetição do jogo do *Fort-Da*, de desaparecimento e retorno, possibilita à criança – na leitura lacaniana – o exercício de apreensão do símbolo, cujo universo, supõe-se, antecede esse exercício. Dito de outro modo: a criança ao nascer é imersa em um universo simbólico que a precede enquanto sujeito e que é sistematicamente apresentado pelo outro cuidador. O jogo infantil tem por função – dentre várias outras – dar à criança a condição mínima de agente diante da situação vivenciada por meio da passagem do objeto ao jogo simbólico, transformando esse mesmo objeto em signo, em pura oposição presença-ausência.

E esse objeto, ganhando corpo imediatamente no par simbólico de dois dardejamentos elementares, anuncia no sujeito a integração diacrônica da dicotomia dos fonemas, da qual a linguagem existente oferece a estrutura sincrônica a sua assimilação; do mesmo modo, a criança começa a se comprometer com o sistema do discurso concreto do ambiente, reproduzindo mais ou menos aproximativamente, em seu Fort! e em seu Da!, os vocábulos que dele recebe (LACAN, [1953] 1998, p 320).

Ora, se por um lado essa abordagem se aproxima em alguns aspectos do argumento freudiano, por outro lado, o modifica. Para Freud, essa brincadeira relaciona-se com a recusa à satisfação pulsional da criança, a qual permite a partida da mãe sem manifestar oposição. É uma aquisição cultural e um jogo aparentemente incompatível com o

princípio do prazer: “temos a impressão de que a criança transformou a vivência em brincadeira por outro motivo. Ela estava passiva, foi atingida pela vivência, e eis que se engaja em um papel ativo repetindo-a como brincadeira, apesar de ter sido desprazerosa” (FREUD, [1920] 2006, p. 142). A passagem da condição passiva para a ativa foi destacada por Lacan, mas apenas sob a condição de estar articulada à vocalização da criança que transforma o objeto em símbolo por meio do par fonemático ‘o’/’da’ representativo da oposição ausência/presença. Necessariamente, na argumentação lacaniana, a palavra deve estar articulada ao jogo do *Fort-Da*. Cabe destacar que o que esse autor oblitera em sua argumentação é justamente o aspecto econômico da brincadeira, definido por Freud como recusa à satisfação pulsional.

A ênfase dada por Lacan à linguagem, em detrimento dos aspectos econômicos ou afetivos da teoria freudiana, também serve de suporte para a crítica ao movimento psicanalítico pós-freudiano que, por meio da noção de resistência e de contratransferência, lançava para segundo plano a materialidade discursiva da situação analítica: a fala do paciente. São argumentações claramente opostas. Especificamente em relação ao conceito de objeto, a atitude lacaniana foi a de questionar a prevalência dada pelos pós-freudianos à noção de relação de objeto e à concepção de objeto total, que fazia da análise “um processo de remodelagem do eu, tendo por modelo o eu do analista” (LACAN, [1954-1955] 1985, p. 313). Essa crítica se ancora em dois pontos fundamentais da teorização lacaniana: o estágio do espelho e a distinção entre simbólico, imaginário, real³. Tendo em mãos tais conceituações, Lacan questiona, ao

mesmo tempo, a noção de eu – apresentando-o como fundamentalmente especular e alienado, consideração derivada do estágio do espelho – e a noção de objeto. Por sua vez, por meio da diferenciação entre simbólico, imaginário e real, Lacan desfaz a ilusão de um objeto total, apontando o equívoco de se supor que se trata do mesmo objeto nesses três registros.

A crítica lacaniana à noção de objeto difundida pelo movimento pós-freudiano alcança seu ápice no *Seminário 4: a relação de objeto* (LACAN, [1956-1957] 1995), quando aborda a fobia do pequeno Hans de modo a promover a noção de significante e o primado do falo. O movimento argumentativo lacaniano é interessante: inicialmente toma um caso clínico trabalhado por Freud e, fazendo uso do aporte significante, o re-interpreta. Em seguida, defende a justeza de sua leitura, apresentando-a em uma relação de fidelidade ao texto freudiano ou, mais precisamente, ao sentido visado por Freud na discussão do caso. Por fim, propõe deter-se sobre a natureza do objeto – em sua tripartição simbólico, imaginário e real –, lançando para segundo plano as modalidades de relação de objeto. Por meio desse movimento, Lacan reformula a noção de objeto reinante na tradição oficial pós-freudiana, dando ênfase à dimensão simbólica relacional entre criança e mãe, na qual o objeto é construído e mediado pela linguagem.

Ao longo dos anos anteriores, vocês me viram elaborar o esquema subjetivo fundamental, a saber, a relação simbólica entre o sujeito e este Outro que é o personagem inconsciente que o conduz e guia, enquanto o outro imaginário, o pequeno outro, desempenha um papel intermediário, o de uma tela [...]. No decorrer deste próprio ano, deslocamos progressivamente nosso interesse. Existem, é claro, leis da intersubjetividade. Estas são leis que regem a relação do su-

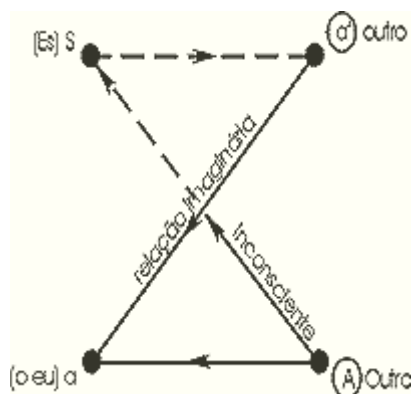
jeito com o pequeno outro e com o grande Outro [...]. O discurso também tem leis, e a relação entre o significante e o significado é algo distinto da intersubjetividade, ainda que isso possa se recobrir, como as relações entre o imaginário e o simbólico. É assim que, no nosso movimento deste ano a propósito da relação de objeto, vimos isolar-se o lugar original dos elementos que são, realmente, objetos, que estão num estágio original, fundador e mesmo formador de objetos, mas que são todavia inteiramente diferentes dos objetos no sentido acabado [...]. São objetos postos em função de significante (LACAN, [1956-1957] 1995, p. 406).

A relação entre intersubjetividade e objeto, tal como apresentada por Lacan, gera duas conseqüências de grande importância para nossa argumentação: de um lado, permite situar uma origem possível para a invenção do objeto *a* e, por outro lado, possibilita contextualizar a aproximação entre Lacan e Winnicott.

OBJETO, OUTRO E INTERSUBJETIVIDADE

A referência à noção de intersubjetividade está embasada ao longo do texto lacaniano no *esquema L*, modelo construído dois anos antes e que tem por função apresentar tanto a relação especular com o outro, quanto a submissão constitutiva do sujeito ao Outro, “esse aquém do Sujeito e esse para além do Outro em que de fato se insere a fala” (LACAN, [1953] 1998, p. 58). Ao confundir os dois eixos do esquema, torna-se impossível distinguir os diferentes níveis em que opera a prática analítica. Para Lacan, esse é o engano da psicanálise pós-freudiana: ao não diferenciar os registros, o analista desconsidera os pólos simbólicos da intersubjetividade e reduz a prática clínica “a uma utópica retificação do par imaginário [...] sob a bandeira da ‘relação

de objeto” (LACAN, [1953] 1998, p. 58). Tomemos o esquema L.



Se nesse esquema a letra *a* designa o outro imaginário, ao sobrepor esse esboço e o modelo subjacente ao estádio do espelho, a letra *a* pode vir a designar o objeto especular, o que se constitui em efetiva modificação da relação entre sujeito e objeto(s). Para que fique mais claro, consideremos o estádio do espelho: segundo Lacan, é por meio de uma operação simultaneamente simbólica e imaginária que o bebê pode vir a tomar a imagem de si, refletida no espelho, como imagem própria. Mas, como ele bem destaca, tal apreensão se dá apenas sob o olhar e a intervenção do outro prestativo que nomeia essa imagem como ‘sendo’ o bebê e supõe, nessa operação, o bebê como sujeito intencional e desejante. Nesse contexto, a imagem especular irá plasmar simultaneamente para o sujeito a matriz do eu (*moi*) unificado com a qual o sujeito vai se identificar por toda vida e o ideal de perfeição impossível de ser alcançado. No entanto, cabe ainda a Lacan destacar que o estádio do espelho é também a possibilidade de um reconhecimento simbólico, construção de ideais sociais e ao mesmo tempo particulares, aos quais o sujeito pode aceder.

Ou seja: se, por um lado, a imagem de si se constitui por meio de uma *Gestalt* imaginária, que é capaz de produzir efeitos formadores sobre o organismo humano, como “um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação” (LACAN, [1949] 1998, p. 100), por outro lado, a construção de tal imagem já supõe a função primordial do Outro como aquele que colocará em jogo a dialética do desejo, em cuja dependência o sujeito se esforça por advir. A aproximação entre relação especular *eu-imagem refletida* – subjacente ao estágio do espelho – e relação especular *eu-imagem do outro* – presente no *esquema L* – torna possível que a letra *a* seja usada para designar tanto o eu, quanto o outro e os objetos do eu. “Por isso ensinamos que não há na situação analítica apenas dois sujeitos presentes, mas dois sujeitos providos, cada um deles, de dois objetos, que são o eu e o outro, tendo esse outro o índice de um *a* minúsculo inicial” (LACAN, [1955] 1998, p. 431). Apenas após o *Seminaire 6: le désir et son interprétation* (1958-1959), Lacan passará a utilizar a letra *a* para designar um objeto não-especular, denominado objeto de desejo ou objeto causa do desejo. Até essa data, Lacan considera que o objeto é extraído do outro ou, dito de outro modo, que o investimento libidinal do sujeito se faz por meio da imagem especular, sendo o objeto recortado na relação eu-outro. É essa extração do objeto a partir do outro que permite uma aproximação entre Lacan e Winnicott por meio da noção de objeto transicional.

LACAN E WINNICOTT: APROXIMAÇÕES E AFASTAMENTOS

Retomemos o *Seminário 4: a relação de objeto* (1956-1957). Nesse seminário, Lacan acrescenta à relação dual mãe-criança um terceiro elemento: o falo, objeto imaginário prevalente, e propõe distingui-lo tanto do pênis – órgão real – quanto do significante fálico, de ordem simbólica. Podemos supor que essa explicitação visa (1) dar primazia ao falo, (2) distinguir os três registros e, por meio da crítica à produção teórica dos pós-freudianos, (3) apontar os equívocos que a junção dos três termos traz para a concepção de realidade. É nesse ponto específico da controvérsia com os pós-freudianos que Lacan recorre a Winnicott para fortalecer seu argumento.

Winnicott observa que, em suma, para que as coisas corram bem, ou seja, para que a criança não seja traumatizada, é preciso que a mãe opere estando sempre ali no momento necessário, isto é, precisamente vindo colocar, no momento da alucinação delirante da criança, o objeto real que a satisfaz. [...] Winnicott observa simplesmente, em primeiro lugar, que no interior de uma tal dialética é inconcebível que qualquer coisa possa se elaborar que vá além da noção de um objeto estritamente correspondente ao desejo primário (LACAN, [1956-1957] 1995, p. 34)⁴.

É ainda pela indistinção entre os registros simbólico, imaginário e real, que a crítica lacaniana às relações de objeto insiste e, embora Winnicott não seja diretamente referido, que vemos Lacan sugerir que diversos autores constantemente confundem dois momentos distintos da experiência do bebê – a alucinação do seio e a experiência de satisfação –, pois

o que é esquecido numa tal dialética – *esquecimento que obriga a essas formas de suplementação que enfatizo, a propósito do artigo de Winnicott*⁵ – é que um dos pontos mais essenciais da experiência analítica, e isso

desde o começo, é a noção da falta do objeto [grifos nossos] (LACAN, [1956-1957] 1995, p. 35).

Cabe, no entanto, destacar que neste jogo de aproximações e afastamentos da argumentação lacaniana em relação a Winnicott há uma diferença substancial na concepção da dinâmica relacional mãe e bebê, pois se o falo intervém nessa dinâmica – como defende Lacan – esta relação deixa de ser meramente dual, constituindo-se em tríade, ainda que imaginária. Nesse sentido – seguindo o argumento lacaniano –, poderíamos considerar que, se a relação mãe-criança fosse meramente dual, não conduziria a nada além da noção de um objeto correspondente, sendo, portanto, impossível distinguir o objeto alucinado da apreensão real do objeto de satisfação. Eis o mesmo argumento construído por nova via.

A diferenciação na concepção da relação mãe-bebê não impede que Lacan mais uma vez aproxime-se de Winnicott ao reafirmar a justeza de sua observação sobre a natureza do objeto transicional, nem interior nem exterior ao sujeito⁶. Nesse contexto, a concepção winnicottiana de objeto tem especial importância para Lacan por tornar possível defender que todos os objetos dos jogos da criança são transicionais, já que são construídos como objetos imaginários no intervalo simbólico entre mãe e criança, espaço no qual a falta do objeto se inscreve. Como consequência, podemos considerar que, no argumento lacaniano, a transicionalidade não é apenas uma característica de alguns objetos em um momento específico do desenvolvimento infantil⁷, mas o próprio efeito da inserção da linguagem na apreensão humana da realidade. A releitura lacaniana dos principais

conceitos da psicanálise por meio de uma teoria do significante mais uma vez se dá a ver.

No *Seminário 5: as formações do inconsciente* (1957-1958) Lacan novamente recorre a Winnicott, dessa vez dando destaque à fantasia em sua relação com a realidade. Como afirmado no ano anterior, a relação entre mãe, criança e objeto é necessária para o reconhecimento da realidade, mas não torna possível distinguir alucinação e desejo satisfeito, a menos que haja hiância, ou seja, que a mãe falhe. Se, para Winnicott, “o seu [do objeto transicional] valor reside menos em seu simbolismo que em sua realidade” (WINNICOTT, [1951] 2000, p. 321), para Lacan, a falha é constitutiva, não dependendo da presença ou ausência efetiva da mãe: trata-se de um efeito de linguagem. Qualquer que seja o objeto oferecido pelo outro prestativo, haverá discordância em relação ao objeto alucinado, assim como há discrepância entre necessidade e demanda. Essa é a hipótese que sustenta a *démarche* lacaniana desde o texto sobre o estágio do espelho: a prematuração do ser humano no momento de seu nascimento é mediatizada pelo desejo do outro e a relação propriamente biológica é permeada pela relação do *infans* com o universo de linguagem.

[...] entrecruzamento do significante com o impulso ou a tendência da necessidade, ele leva a quê? À identificação do sujeito com o Outro, na medida em que este articula a distribuição dos recursos capazes de atender à necessidade. Mas não é assim, pelo simples fato de que é necessário fazer entrar em consideração o segundo plano da demanda, nem que seja para explicar a articulação do sujeito numa ordem que existe além da ordem do real, e que chamamos ordem simbólica, a qual o complica, superpõe-se a ele, não lhe é aderente (LACAN, [1957-1958] 1999, p. 472).

Mas, qual verdadeiramente é a importância da noção de objeto transicional para a argumentação construída por Lacan? Uma primeira resposta pode ser encontrada na carta enviada a Winnicott, em que Lacan afirma que a noção de objeto transicional possibilita distinguir desejo e necessidade e conclui: “[...] você não pode saber tudo o que *construí* sobre uma distinção tão simples, decisiva e fundamental [...]” [grifo nosso] (LACAN, [1960] 1993, p. 84). Parece-nos que, ao fazer tal distinção, Winnicott lança luz sobre um aspecto para o qual Lacan ainda não havia atentado e que, acrescido de suas considerações sobre linguagem, permite novas construções.

Se um dos aspectos que o próprio Lacan destaca em sua argumentação é a separação entre desejo, demanda e necessidade, destacamos, em correlação a isso, a diferenciação dos registros simbólico, imaginário e real – distinção que só pode ser feita se partilharmos de uma concepção de linguagem que antecede o sujeito e que implica uma dada relação à realidade e aos objetos. É o lugar dado à linguagem que possibilita uma releitura da psicanálise freudiana sob uma nova ótica, constituindo uma teoria e práticas clínicas que subvertem o sujeito em sua relação ao desejo, condição que necessariamente implica o objeto. Mas, qual objeto? Mais do que a releitura de um dado conceito, Lacan *inventa* o objeto *a* assim como *inventou* os três registros (PORGE, 2006). Para além da retomada dos argumentos freudianos e da influência confessa de Winnicott e Karl Marx, Lacan propõe algo novo – uma notação algébrica para o objeto não representável, impossível de ser apreendido e que, no entanto, é constitutivo do sujeito. Sua *invenção*, como ele mesmo nomeou, mostra-se ainda mais claramente quando afirma que

“o objeto *a* é efeito do discurso analítico e, como tal, o que digo a respeito dele não passa desse efeito mesmo” (LACAN, [1968-1969] 2006, p. 45).

Essa *invenção* – o objeto *a* – se produz a cada novo agenciamento do discurso analítico e, sob essa condição, é efeito dos determinantes teóricos da clínica psicanalítica na qual se produz. Talvez em um dado sentido, possamos corroborar a afirmação lacaniana de que a formulação do objeto *a* é devedora da noção de objeto transicional (LACAN, [1969] 2003, p. 376) e temos, nessa perspectiva, diversos pontos de apoio: discussões sobre a construção da realidade, distinção entre objeto alucinado e objeto de satisfação, diferenciação entre as categorias de desejo e necessidade. No entanto, a delimitação de um objeto não representável, sua notação lógica e os efeitos de uma direção da cura que o leve em consideração – a roupagem imaginária com a qual o analisante veste o objeto causa de desejo na aventura analítica está diretamente vinculada à transferência e a *um* analista – não se faz possível em uma prática que considere sujeito e linguagem de modo distinto do que foi formulado paulatinamente por Lacan.

Abstract: This article intends to follow the path of building the notion of object in relation to the *démarche* Lacanian, as well as locate elements of rapprochement with Winnicott’s transitional object. For accomplish our purpose, we begin with the object definition as proposed by Freud – (1) as the correlate of drive; (2) as the correlate of love and (3) in relation to the subject – and indicates the Lacanian option of emphasize the dimension of language in a reading that focuses on Freud’s theory and technique as a whole. In this context, Winnicott arises as an author that, proposing the concept of transitional object, allows Lacan’s presentation of the distinction between the symbolic and imaginary records in relation to concepts of desire, demand and need while enabling the construction of a proper concept of object. One can consider that, in his formulations, Lacan does criticize the post-freudians for producing a deviation of the technique and doctrine of Freud in disregarding the subject’s speech, favoring a practice of

interpreting resistance. Winnicott is then greeted as a distinguished author, a post-Freudian psychoanalyst post that doesn't deviates from freudian's precepts and takes the clinic as its main support. The theoretical relations of approximation and distanciation between Lacan and Winnicott, allow us, in the body of this article, to problematize the bound between the concepts of object *a* and transitional object.

Keywords: object, Lacan, Winnicott, philosophy, psychoanalyze.

NOTAS

- 1 O texto referido se intitula *Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise*.
- 2 Por achar importante situar o leitor na construção histórica dos conceitos aqui debatidos, dar-se-á, ao longo deste texto, a referência ao ano de enunciação dos textos citados. Essa referência, como se vê, será dada após o nome de entrada referente ao autor da obra, entre colchetes. O mesmo método será aplicado às "Referências", também com a mesma finalidade.
- 3 Cf. *Le symbolique, l'imaginaire, le réel* (LACAN, [1953] 1982). Conferência em que Lacan problematiza os diferentes registros da realidade humana. De forma resumida e visando acompanhar o momento dessa argumentação na obra lacaniana, podemos apresentar o simbólico como a relação com a palavra e a ordem cultural; o imaginário como referente à dimensão da imagem que constitui o eu; o real, ainda sem uma definição claramente formulada, confunde-se com a própria concepção de realidade. É interessante considerar que, nesse período, o simbólico tem primazia sobre os outros registros e que influenciará decisivamente a releitura que Lacan fará da teorização winnicottiana.

- 4 Nas palavras do próprio Winnicott, encontramos: “Não existe qualquer possibilidade de que um bebê progrida do princípio do prazer para o princípio de realidade ou para e além da identificação primária [...], a não ser que exista uma mãe suficientemente boa. [...] A mãe coloca o seio real justamente ali onde o bebê está pronto para criá-lo, e no momento certo” (WINNICOTT, [1951] 2000, p. 326-327).
- 5 É interessante atentar para a ênfase dada por Winnicott ao valor da ilusão, em uma perspectiva que vai além da presença do objeto e que se mostra útil a Lacan: “[...] a tarefa mais importante da mãe (depois de proporcionar a possibilidade da ilusão) é a tarefa de desiludir” [grifos nossos] (WINNICOTT, [1951] 2000, p. 329).
- 6 Winnicott refere-se aos fenômenos e objetos transicionais como áreas intermediárias da experiência, “[...] objetos que não fazem parte do corpo do bebê, mas que não são inteiramente reconhecidos como pertencentes à realidade exterior” (WINNICOTT, [1951] 2000, p. 317). Trata-se, nesse sentido, de uma relação de posse e, portanto, de experiência com objetos-outros-não-eu.
- 7 É interessante considerar que Winnicott se refere a uma tendência no desenvolvimento da criança, cujo padrão de comportamento é muito amplo e que, como tal, constitui objetos e experiências intermediárias entre o exterior e o interior.

REFERÊNCIAS

FREUD, S. [1920]. *Além do Princípio do Prazer*. In: *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. [vol. II, 1915-1920]

LACAN, J. [1953]. *Le symbolique, l'imaginaire, le réel*. Disponível em: <www.ecole-lacanianne.net/bibliotheque>. 1953. Acesso em: 11 de outubro de 2009.

_____. [1953-1954]. *Seminário 1: Os Escritos Técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983.

_____. [1954-1955]. *Seminário 2: O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. [1960]. Carta a D.W. Winnicott. In: *Intervenciones y Textos* – vol. 1. Buenos Aires: Manantial, 1993.

_____. [1956-1957]. *Seminário 4: A Relação de Objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

_____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. [1957-1958]. *Seminário 5: As Formações do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. [1969]. O Ato Psicanalítico. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. [1968-1969]. *Le Séminaire livre XVI: D'un Autre à l'autre*. Paris: Seuil, 2006.

PORGE, E. *Jacques Lacan, um psicanalista: percurso de um ensinamento*. Brasília: Ed.

Univ. Brasília, 2006.

WINNICOTT, D. [1951]. *Objetos transicionais e fenômenos transicionais*. In: *Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.